



## CORPOS ALEIJADOS EM CENA: SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA E MICROPOLÍTICA

**Eixo Temático- 07- Corpos em Criações Possíveis: Expressões Filosóficas, Políticas e Estéticas.**

Louise Lima Storni Rocha <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho investiga a interseção entre sexualidade e deficiência, explorando como as artes cênicas podem contribuir para a construção de novas subjetividades e sensibilidades. A análise se concentra na peça *Meu Corpo Está Aqui*, em diálogo com a teoria *crip* e com conceitos como interseccionalidade, sexopolítica, micropolítica e reflexões sobre a relação entre ética, estética e política. Por meio da análise de cenas e personagens, esta narrativa artística é compreendida como potência para ampliar percepções sobre o direito ao prazer e à acessibilidade de pessoas com deficiência, desafiando normas e sugerindo novas práticas. Sob uma perspectiva deficiente, a produção evidencia coalizões políticas que afirmam corpos dissidentes e propõem uma realidade anticapacitista, ressaltando a urgência de “aleijar” teorias, linguagens e práticas artísticas convencionais.

**Palavras-chave:** Deficiência, Sexualidade, Arte, Micropolítica, Dissidência

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação Políticas Públicas e Formação Humanos (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, [lustorni@gmail.com](mailto:lustorni@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

As narrativas artísticas que abordam deficiência, dissidências e ativismos evidenciam o potente papel da arte em desafiar paradigmas e criar novas formas de percepção sobre sexualidade, prazer e acessibilidade com, para e por pessoas com deficiência. Mais do que apenas ampliar o olhar sobre experiências não normativas da sexualidade.

O interesse por temas como ativismo, sexualidade e deficiência surgiu durante uma pesquisa anterior, no mestrado no Programa de Políticas Públicas em Direitos Humanos da UFRJ (PPDH-UFRJ), cuja dissertação foi defendida em 2020. Nessa pesquisa, realizou-se um estudo de caso com o grupo responsável pelo documentário *Yes, we fuck!*, sediado em Barcelona, Espanha.

Ao observar o Brasil em 2024, no contexto da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ (PPFH-UERJ), nota-se um frescor nas produções artísticas recentes, marcadas pela proposição de encontros estéticos capazes de gerar ferramentas políticas e subjetividades diversas para corpos com deficiência. São atrizes, atores, diretoras e produtoras com deficiência que, a partir de seus próprios corpos e vivências eróticas, propõem novas narrativas — completas, inteiras, desvinculadas da ideia de falta ou déficit.

Este trabalho se constrói, portanto, atravessado pela teoria *crip*, como proposta por autoras como Alison Kafer (2013) e Robert McRuer (2023), e traduzida no Brasil por Marco Gavério (2015) e Anahí Guedes de Mello (2014). A chamada teoria "aleijada" articula os estudos da deficiência aos estudos queer, sustentando que, assim como a heteronormatividade e a lógica binária, o capacitismo organiza a sociedade com base em um ideal de normalidade física e mental, que marginaliza quem foge desse padrão. A partir dessa perspectiva, a teoria aleijada celebra as diferenças e subverte expectativas normativas, questionando a lógica de "cura" ou "normalização" dos corpos com deficiência. No Brasil, essa abordagem tem se fortalecido tanto no campo acadêmico dos estudos críticos da deficiência quanto nas práticas culturais e artísticas.



Cabe ainda destacar que o uso do termo "capacitismo" no Brasil é relativamente recente. Traduzido do inglês *ableism*, o conceito foi introduzido pela antropóloga Anahí Guedes de Mello durante a II Conferência Nacional LGBT, em dezembro de 2011. Segundo a própria autora, o termo só começou a ser documentado no país devido à aliança com o movimento LGBT (LAPPONI, 2023, posição 320).

Nesse cenário, destaca-se a peça teatral brasileira “Meu Corpo Está Aqui”, lançada em 2023, que será abordado neste texto. A obra traz à tona narrativas provocadoras e sensíveis sobre a sexualidade de corpos dissidentes, contribuindo para expandir o debate e fomentar novos modos de perceber e sentir a deficiência por meio da linguagem cênica.

O interesse em analisar a peça teatral “Meu Corpo Está Aqui” surgiu da minha experiência pessoal ao assistir ao espetáculo em 2023 e 2024. Essa vivência, combinada com a leitura de entrevistas com criadoras/es veiculadas em matérias na imprensa, permitiu elaborar uma visão geral sobre a construção da narrativa da peça, sua circulação nos palcos nacionais e internacionais e suas intenções estético-políticas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O imaginário social em torno dos corpos e da sexualidade de pessoas com deficiência ainda é marcado por estigmas, que tendem a enxergar essas vivências como desviantes ou comprometidas, baseando-se em padrões normativos de "normalidade". No senso comum, discursos capacitistas reforçam a ideia de incapacidade, sustentando estereótipos difundidos por familiares, profissionais e pela sociedade em geral.

Diante disso, ganham força ações e movimentos que desafiam essas normas, propondo outras formas de existência e de prazer. Nesse embate, emerge a figura do "monstro" — aquele/a que escapa aos moldes cisheteronormativos e capacitistas — como potência de ruptura e reinvenção, tal como proposto por Paul B. Preciado (2022) ao questionar as epistemologias dominantes.



No Brasil contemporâneo, ativistas, artistas e intelectuais que se autoidentificam como "Crips, Aleijados, Defs e/ou Defiças"<sup>2</sup> estão ganhando força significativa ao se empenharem em produções que colocam seus corpos no centro e em evidência de suas criações.

Como mencionado anteriormente, a teoria "aleijada" (ou *crip theory*) orienta o olhar proposto neste trabalho. Ao conectar os estudos da deficiência aos estudos queer, essa abordagem crítica o capacitismo enquanto lógica estrutural que, assim como a heteronormatividade, marginaliza corpos e subjetividades que fogem aos padrões normativos de capacidade física e mental. Em oposição a esse modelo excludente, a teoria aleijada valoriza as diferenças, rejeita a noção de "normalização" e afirma modos diversos de existir no mundo.

Ao refletir sobre o fazer artístico no campo do ativismo, recorro às antropólogas Nádia Meinerz e Pamela Block (2023), que, no projeto Retrato Defiças, compreendem a deficiência não apenas como categoria analítica, mas como uma ontologia de resistência. Para elas, a produção artística deve ser feita por, com e a partir das pessoas com deficiência, desafiando convenções éticas e estéticas e reivindicando protagonismo na construção de suas próprias imagens e narrativas.

Nesse contexto, também se insere a perspectiva da epistemologia interseccional de Patricia Hill Collins (2019), que enfatiza a valorização de múltiplas vozes e experiências na produção de conhecimento comprometido com a justiça social.

O conceito de "sexopolítica", elaborado por Paul B. Preciado (2002), contribui também com a crítica às normas que regulam corpo, gênero e sexualidade. Ao expor as intersecções entre poder e práticas sexuais, Preciado propõe uma ruptura com a lógica binária, abrindo espaço para epistemologias dissidentes e corpos insurgentes.

Em especial no campo da deficiência, as iniciativas artísticas que incorporam estratégias de acessibilidade — físicas, sensoriais ou comunicacionais — ampliam o acesso e enriquecem a experiência estética para todos os públicos. Este trabalho, ao

<sup>2</sup> Os diferentes termos aqui apresentados fazem parte de um processo de autodefinição adotado por pessoas com deficiência em diferentes contextos brasileiros, como por exemplo no campo das artes e ativismos (Defs) e no campo acadêmico (defiças, crips e aleijados). Esse uso intencional busca ressignificar palavras frequentemente vistas como pejorativas, transformando-as em ferramentas de luta e visibilidade.



explorar a interseção entre sexualidade, arte e ativismo, analisa uma obra teatral que coloca a deficiência e o desejo no centro da cena.

Parte-se, portanto, do entendimento de que a arte, ao abrir-se a diferentes formas de expressão, tem potência para comunicar questões complexas, sensibilizar e transformar subjetividades. Como destacam Deleuze e Guattari (1992), a arte não apenas representa afetos, mas os produz — criando novos modos de existência e operando como forma de resistência às normas vigentes.

De maneira complementar, Georges Didi-Huberman (2011), ao recorrer à metáfora dos vaga-lumes, propõe uma imagem poética para representar focos de resistência, criatividade e liberdade que persistem mesmo diante da repressão.

Por fim, este trabalho investiga como a obra teatral “Meu Corpo Está Aqui” potencialmente articula criatividade e ativismo objetivando iluminar temas geralmente negligenciados, como a interseção entre sexualidade e deficiências. Inspirada, portanto, na metáfora dos vaga-lumes, a proposta é identificar nessa expressão artística, formas de resistência às estruturas capacitistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A peça teatral “Meu Corpo Está Aqui” estreou em 2023 no Rio de Janeiro e reúne histórias baseadas nas experiências pessoais do corpo de atrizes e atores com deficiência, que compõem o elenco, em que eles próprios estão em cena falando abertamente sobre seus relacionamentos, seus corpos e desejos. A direção é de Clara Kutner (familiar de pessoa com deficiência) e de Julia Spadaccini, mulher surda oralizada.

No elenco original da peça<sup>3</sup>, Bruno Ramos é surdo não oralizado e usuário de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), Haonê Thinar é pessoa amputada, Pedro Henrique França tem nanismo, Pedro Fernandes tem paralisia cerebral e é cadeirante, e Jadson Abrão é intérprete de libras, que cenicamente realiza a tradução das cenas de Bruno. A peça convida cada pessoa espectadora a uma aproximação com a intimidade,

<sup>3</sup> Cabe destacar que o elenco original contava com a atriz Juliana Caldas, também com nanismo, que foi substituída no segundo semestre de 2024 por Pedro Henrique França, ator e diretor do filme “Corpopolítica”. Juliana deixou o elenco para assumir um papel no longa-metragem e mais recentemente a atriz Haonê Thinar, grávida do segundo filho, deixou o elenco da peça para atuar em uma novela da Rede Globo



sobretudo com a vitalidade e a potência dessas atrizes e atores que ficcionalizam e interpretam suas próprias experiências, centradas na deficiência.

Pode-se considerar que a peça traz algo bastante inovador aos palcos brasileiros, já que corpos com deficiência quase nunca são vistos nas produções teatrais discutindo abertamente seus relacionamentos, sua sexualidade e desejos. Isso por si só já pode causar desconforto ou surpresa na plateia que não está acostumada a ver pessoas com nanismo ou em cadeira de rodas se despindo diante do público, tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.

Desde 2023, o espetáculo já rodou diversas salas de teatro e festivais do Brasil e em outubro ganhou o Prêmio Revelação (Elenco) e o Prêmio Especial (Temática) no Festival Internacional de Teatro de Angra – FITA; Vencedor do especial Prêmio da Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro- APTR; e indicação ao 34º Prêmio Shell. Em 2024, a peça também foi apresentada internacionalmente, integrando.

A peça teatral, com 60 minutos de duração, apresenta cerca de cinco cenas baseadas nas experiências reais das atrizes e atores do elenco. Em cena, eles interpretam diferentes personagens, incluindo a si mesmos, trazendo à tona suas vivências de forma sensível e autêntica.

Um elemento de destaque é a presença constante de um ator e intérprete de LIBRAS que atua cenicamente em todas as cenas. Sua participação não apenas garante acessibilidade ao público surdo, usuário da Língua Brasileira de Sinais, como também serve de apoio expressivo ao ator surdo do elenco, possibilitando que sua história seja compartilhada com o público ouvinte. Essa integração revela um recurso original na construção narrativa da peça, ampliando seu alcance comunicacional e estético.

Para ilustrar brevemente a narrativa do espetáculo, destaco uma cena com o ator Pedro Fernandes, que possui paralisia cerebral e é cadeirante. Na cena, Pedro compartilha com o público sua primeira experiência sexual, durante o momento em que recebia auxílio para tomar banho. Com apoio do elenco, ele se despe em cena e narra com emoção e delicadeza como esse momento marcou o despertar de sua sexualidade e o reconhecimento do desejo por homens. A ausência do cuidador, que deixou o trabalho logo após o episódio, permanece como uma marca afetiva e um desejo de reencontro.



Essa cena revela, de forma sensível, os impactos do capacitismo na vivência da sexualidade por pessoas com deficiência. Ao narrar uma experiência atravessada por interdependência e silêncios, a cena evidencia como desejos e afetos dessas pessoas são frequentemente invisibilizados ou considerados tabu. A performance rompe com a ideia capacitista de que corpos com deficiência não possuem desejos, confrontando o público com questões de autonomia, prazer e direito à intimidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra cênica “Meu Corpo Está Aqui” representa apenas uma entre tantas expressões artísticas recentes protagonizadas por pessoas com deficiência que têm abordado, com sensibilidade e potência, o direito ao prazer e à sexualidade. Nos últimos anos, têm se multiplicado performances, festivais, programas de TV, podcasts, filmes e espetáculos que rompem com o imaginário capacitista que insiste em dessexualizar ou infantilizar esses corpos.

Compreendidas no campo do ativismo — prática que articula arte e ativismo —, essas iniciativas operam na esfera simbólica e contribuem para tensionar narrativas hegemônicas, produzindo novas subjetividades e ampliando o repertório de sentidos sobre o prazer e a sexualidade de pessoas com deficiência. Um dos aspectos centrais dessas obras é o protagonismo dos próprios artistas com deficiência, que assumem a autoria de suas narrativas e imprimem autenticidade às suas histórias.

Além disso, muitas dessas produções desconstroem lógicas binárias e desafiam categorias sociais fixas, ao abordar a interseccionalidade em suas tramas. Questões como orientação sexual, gênero, cuidado, raça, classe, território e geração atravessam as narrativas, revelando camadas múltiplas e densas de subjetividade e existência.

## REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* tr. br. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Revisão de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

KAFER, Alison. *Feminist, Queer, Crip*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

LAPPONI, Estela. *Corpo Intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual*. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023. Kindle Edition, 2979 posições

MCRUER, Robert. *Teoria Crip Signos culturais entre o queer e a deficiência*; tradução Anahi Guedes de Mello, Olivia von der Weid. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2024.

MEINERZ, Nádia e BLOCK, Pamela. *Retratos defieças: Arte e ativismo deficentrados*. Mundaú, n. 13, p. 12-25, 2023.

MELLO, Anahí Guedes. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFSC-Santa Catarina, 2014.

*MEU CORPO ESTÁ AQUI*. Trilhas da Cena, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://trilhasdacena.com.br/meu-corpo-esta-aqui/>. Acesso em: 26 de março de 2025.

*PEÇA “MEU CORPO ESTÁ AQUI” REFLETE AS VIVÊNCIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA*. O Tempo, 12 maio 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/peca-meu-corpo-esta-aqui-reflete-as-vivencias-de-pessoas-com-deficiencia-1.3358880>. Acesso em: 26 de março de 2025.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.